

## LÍNGUAS QUE VIAJAM: EM DIREÇÃO A UMA IMAGINAÇÃO GEOLINGUÍSTICA<sup>1</sup>

DOI: [10.29327/210932.12.2-13](https://doi.org/10.29327/210932.12.2-13)

Mary Louise Pratt  
New York University, New York - Estados Unidos

Tradução de Keyse Kerolayne Levy  
Universidade Federal do Acre, Acre - Brasil

**RESUMO:** Em diálogo direto com questões voltadas para a compreensão das dimensões linguísticas presentes em torno dos realinhamentos planetários, sociais, ecológicos, econômicos, políticos e imaginários impulsionados pela globalização contemporânea, o presente artigo está focado no diálogo sobre o papel e a importância da linguagem para a definição e mesmo determinação dos processos e transformações operadas por essa globalização, principalmente, levando em consideração a necessidade de inserir a língua no centro desse debate, como importante categoria de análise para a reflexão sobre a dinâmica das transformações em curso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Globalização. Migração. Geolinguística. Linguagem. Competência linguística.

### *TRAVELLING LANGUAGES: TOWARD A GEOLINGUISTIC IMAGINATION*

**ABSTRACT:** In a close dialogue with questions related to the understanding of linguistic dimensions which are featured around the planetary, social, ecological, economic, political, and imaginary realignments driven by contemporary globalization, this article is focused on the role and importance of language in terms of defining and even determining the processes and transformations wrought by this globalization. It especially takes into account the need to put the language in the center of this debate, as an important category of analysis for thinking about the dynamics of the ongoing transformations.

**KEYWORDS:** Globalization. Migration. Geolinguistics. Language. Linguistic competence.

<sup>1</sup> Preparado para o Seminário da UNESCO “Compartilhando Patrimônio Cultural Imaterial: Narrativas e Representações”, Oaxaca, janeiro de 2009. O material apresentado aqui foi desenvolvido em palestras dadas na Universidade da Califórnia, Berkeley; Universidade Estadual de Michigan, Kalamazoo; Universidade de Illinois em Chicago; Universidade da Califórnia em San Diego; e Academia Australiana de Humanidades, Universidade de Melbourne. (N. da A.).

Texto originalmente publicado em língua inglesa no v. 2, n. 1, da Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, versão impressa, no ano de 2013, e está disponível eletronicamente através do link <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/698>. (N. da T.).



## INTRODUÇÃO

O filme de Vadim Perelman, “Casa de Areia e Névoa”, baseado no romance de Andre Dubus III, narra um confronto trágico entre uma jovem anglo-americana e um imigrante iraniano que compra sua casa por meio de um leilão do governo depois de um erro de cálculo com seu imposto de renda. Em um ponto chave da história, a perturbada mulher procura a esposa gentil e infeliz do iraniano para explicar a situação. As esperanças do espectador aumentam. As mulheres serão capazes de encontrar uma solução justa onde os homens estão agindo por códigos de violência e interesse próprio? A jovem descreve o que aconteceu. A esposa olha com simpatia. Há uma pausa. “Você não entende nada do que eu estou dizendo, não é?” A mulher entrega um papel a ela, “Você escreve tudo aí. Eu mostrar para meu marido.” A possibilidade de uma solução vinda da mulher é bloqueada por outra realidade de gênero: a esposa imigrante sequestrada presa em monolinguismo e na dependência que isso causa. Depois, outra falha linguística aciona o clímax desastroso do filme. O filho adolescente dos iranianos leva um tiro e morre quando ele ataca um policial independente que estava tentando ajudar a mulher a recuperar sua casa. A motivação do filho? O policial falou seu nome errado, chamando-o de Ishmael ao invés de Esma’il. É a gota d’água.<sup>2</sup>

Duas coisas me chocaram nessas cenas de Casa de Areia e Névoa: primeiro, a linguagem, ou mesmo a diferença linguística, determinou o enredo; e segundo, isso é bem provável de escapar do olhar do telespectador. *Casa de Areia e Névoa* é sobre imigração, sua geopolítica, improvisos transculturais, sua poética carregada e por vezes fatal. Linguagem e tradução são o cerne disso, assim como estão no centro dos eventos dramáticos que se desenrolaram nos últimos três anos no Afeganistão e no Iraque.<sup>3</sup> A alusão a *Moby Dick* ressoa: o que vai ser na América do século XXI? Ahab aprenderá a dizer Esma’il, ou Esma’il aceitará uma mudança de nome? Ou esse gigante derrubará a todos nós, assim como derruba os personagens do triste conto de Dubus.

Quais são as dimensões linguísticas deste conjunto de realinhamentos planetários sociais, ecológicos, econômicos, políticos e imaginários que chamamos de globalização? Pode ser difícil de vê-las, em parte porque a linguagem está sempre lá, sempre trabalhando; é o meio pelo qual tanto o realinhamento quanto a análise dele estão acontecendo. A linguagem geralmente é negligenciada porque as pessoas que pensam sobre globalização raramente foram treinadas para pensar sobre a linguagem. Se você pegar uma das dúzias de antologias sobre a globalização, você provavelmente não vai achar um tópico para linguagem no sumário; você certamente não vai achar um capítulo sobre linguagem na tabela de conteúdos. Linguagem não tem sido uma categoria de análise na agora vasta literatura sobre globalização. Como via de regra sua força é simplesmente negligenciada em teorias sobre globalização, mobilidade, mercados e geopolítica. Ainda assim, o pro-

2 Ambos os incidentes ocorrem de forma um pouco diferente no romance, cuja preocupação com a linguagem é ainda mais abrangente do que a do filme. (N. da A.)

3 Farsi, a língua falada e mal falada em A Casa de Areia e Névoa, está há muito tempo na lista de línguas críticas do Departamento de Estado. (N. da A.)

cesso global é determinado pela linguagem em cada momento.<sup>4</sup> A linguagem canaliza migração, comércio e comunicações, determinando quem tem mais probabilidade de negociar com quem, quem é mais ou menos provável de migrar para onde, quem tem mais probabilidade de prosperar, quem é capaz de negociar em seu próprio nome e com quem. A linguagem é uma das principais razões pelas quais essa coisa chamada globalização tende a seguir linhas mais antigas de expansão imperial e diáspora, geralmente ao contrário. Os argentinos migram “de volta” para a Espanha e Itália<sup>5</sup>. Os Surinameses para a Holanda, norte-africanos para a França e Espanha, sul-asiáticos e indianos ocidentais para Grã-Bretanha, Canadá e EUA, e assim por diante. A diáspora filipina é moldada pelo seu sistema efetivo de ensino de língua inglesa, um produto da estratégia imperial dos EUA. Pós-coloniais como somos, histórias imperiais e diaspóricas permanecem em jogo na nova ordem mundial, e a linguagem é uma grande razão para ser assim.

Mercados são linguisticamente estruturados e linguisticamente regulados. Nos circuitos transnacionais de trabalho, o emprego pelo qual você pode competir depende de quais línguas você sabe ou não sabe e quão bem você sabe ou não sabe delas. Sua mobilidade socioeconômica pode ser determinada pelo seu acesso ao aprendizado de línguas. O Controle linguístico geralmente opera para manter as pessoas “em seus devidos lugares”. Muitos de nós nos lembramos, e pode ainda ser verdade, quando o teste para professores bilíngues na Califórnia poderia ser facilmente passado por pessoas que mal sabiam usar espanhol, mas sabiam gramática e conseguiam gerar formas como o imperfeito do subjuntivo. O teste era, portanto, impossível de ser passado por falantes nativos com boa educação que poderiam muito bem ser completamente literários, mas não tinham estudado gramática formal desta maneira. Em Nova York, o teste de escrita em inglês da CUNY<sup>6</sup> é conhecido nas redondezas como uma barreira notória que impede as pessoas de se formar e entrar no mercado de trabalho.<sup>7</sup> Quando o jogo envolve exigir inglês sem fornecer maneiras para as pessoas aprenderem, o jogo é manipulado para produzir uma subclasse, quer alguém pretenda ou não. [Eu me pergunto se essa manipulação inconsciente ajuda a explicar a recusa em investir no aprendizado de idiomas nos EUA, ou mesmo a pensar sobre línguas de uma forma geral. Se as pessoas pensam sobre língua, elas frequentemente imaginam algo como um mercado autorregulado.] Acredita-se que os grupos humanos adquirirão ou inventarão pragmaticamente os recursos linguísticos de que precisam para sustentar os relacionamentos que desejam ter. As línguas comerciais, conhecidas como *pidgins* ou interlínguas, se desenvolvem rapidamente. O inglês tornou-se uma língua franca internacional. Nos EUA, apesar das políticas monolíngues, o espanhol se tornou a segunda língua *de facto*. Em *pueblos* do norte de Jalisco, migrantes que retornaram, ensinam inglês às crianças em preparação para sua futura migração para

4 Este ponto precisa de algum esclarecimento. Um bom número de pessoas que pensam sobre linguagem pensa sobre globalização, geralmente sob três rubricas: o desaparecimento de pequenas línguas, a crescente necessidade de tradução e interpretação, a disseminação do inglês global. As pessoas que pensam sobre globalização, por outro lado, quase nunca pensam sobre linguagem. (N. da A.)

5 Ler sobre: Migração argentina para Espanha; números de saída [do país] após crise da dívida. (N. da A.)

6 City University of New York (N. da T.)

7 Agradeço Ondina X por essa informação. (N. da A.)

o norte.<sup>8</sup> Se você ou eu temos algo para comprar ou vender – meu excedente de trabalho, seu excedente de trabalho, minhas matérias-primas, seu automóvel, minha herança genética, seu híbrido geneticamente modificado- essa visão de senso comum diz: nós descobriremos como nos comunicar.

Mas claro, não é realmente assim tão simples. Todos os mercados são mercados linguísticos, no sentido de que trocas são conduzidas na linguagem. Mas tudo se desenvolve em paisagens que já são sempre historicamente, socialmente, afetivamente e simbolicamente organizadas nas quais todos os tipos de forças já estão em ação. É por isso que o senso comum, a visão racional, nunca serão suficientes para explicar o que acontece. Todas as comunidades humanas têm divisões linguísticas de trabalho, operações de linguagem que são atribuídas a pessoas específicas e proibidas a outras. Relações de diferença são marcadas e executadas por meio da linguagem. As forças simbólicas da linguagem podem superar o pragmatismo a qualquer momento. Basta considerar a energia que as pessoas investem no aprendizado de línguas litúrgicas e escriturais, ou assassinatos por meio de xingamentos como o de Casa de Areia e Névoa.

A diferença linguística atua continuamente como uma fonte do que Anna Tsing chama de “atrito”, as interações brutas por meio das quais os processos globais agem e se tornam (Tsing, 2005). Comecei a suspeitar que a ausência de uma reflexão sobre a linguagem é uma condição de possibilidade para os criadores de conhecimento da globalização, um silêncio fundacional que torna possível que a globalização seja imaginada como está sendo imaginada. Ao mesmo tempo, o cenário linguístico global está mudando rapidamente. Até mesmo os especialistas não têm ideia de como o mundo será linguisticamente daqui a cem anos. Esse é um fato verdadeiramente dramático.

Pode-se tomar medidas para tirar a linguagem dessa transparência fazendo dois conjuntos de perguntas. Primeiro, e mais óbvio, de que maneiras o conjunto de processos denotados como globalização está determinando o que está acontecendo com a linguagem, e de que maneiras a linguagem está determinando esse conjunto de processos chamado globalização? A isso eu adiciono uma pergunta extra: como essas dinâmicas são, por sua vez, determinadas por propriedades particulares intrínsecas à linguagem humana? Ou seja, o que as características específicas da linguagem humana tornam possível e impossível, provável e improvável, fácil e difícil? Esta é minha maneira de tentar capturar a agência da linguagem nos domínios da globalização. Vou exemplificar essa abordagem a seguir, analisando três aspectos da globalização: migração, cenários de “mundiais” e poéticas translinguísticas.

### *MIGRAÇÃO, REDISTRIBUIÇÃO E DISTRIBUTIVIDADE*

Deixe-me começar com a migração, um processo universalmente visto como central em relatos de globalização. Quando as pessoas se mudam, suas línguas se mudam com elas. De um ponto de vista linguístico, então, a migração pode ser imaginada como uma

<sup>8</sup> Agradeço XX Fabregas por esse dado. (N. da A.).

redistribuição de competências linguísticas, algo que está acontecendo agora no planeta, em uma escala e alcance sem precedentes. A mídia de notícias registra isso constantemente em anedotas, como uma notícia recente relatando que o departamento de polícia de Dublin agora precisa de intérpretes em quarenta e um idiomas. Nada poderia parecer mais óbvio e natural do que o fato de que quando as pessoas se mudam, suas línguas se mudam com elas. Mas assim que você começa a pensar sobre isso, algumas restrições fortes e consequentes sobre esse processo vêm à tona. Por um lado, não é opcional. As pessoas podem deixar muitas coisas para trás quando migram, mas a língua não é uma delas. Nem as línguas podem ser simplesmente trocadas ou negociadas na chegada da mesma forma que a vestimenta, os costumes e até mesmo a religião. Por mais que você queira, você não pode converter de uma língua para outra da mesma forma que você pode se converter para uma religião ou mudar sua dieta. Por mais que você tente, você não pode se livrar de uma língua que você conhece por um ato de volição. As línguas podem ser esquecidas apenas por longos períodos de tempo, e sob circunstâncias bem estreitas – e mesmo então elas podem reviver sem que alguém deseje, assim que alguém as ouve sendo faladas. Todas as políticas nacionais de línguas do mundo não podem fazer essas realidades desaparecerem. Quando as pessoas se mudam, suas línguas se mudam com elas. A língua é uma grande razão pela qual as histórias imperiais e diaspóricas permanecem em jogo na nova ordem mundial.

Claro que as pessoas podem frequentemente (mas nem sempre) aprender novas línguas, e esta é a outra redistribuição em larga escala de competências que a migração traz. Novamente, o senso comum considera isso natural. Na visão de senso comum mencionada acima, a linguagem é imaginada como um tipo de mercado autorregulado. Mas isso é seriamente enganoso. Pois existem fortes restrições sobre como as competências linguísticas são adquiridas, e estas têm consequências importantes. A aprendizagem de línguas, mesmo da primeira língua, requer cinco coisas em abundância: tempo, esforço, desejo (ou motivação), contribuição e uso. Para a alfabetização, há um sexto requisito: instrução. A distribuição de competências linguísticas é determinada pelo grau em que estes cinco elementos estão disponíveis ou indisponíveis para as pessoas, independentemente de quais direitos, leis ou expectativas linguísticas possam estar em jogo. E estes elementos são **distribuíveis**, isto é, eles podem ser administrados e regulados, tornados mais ou menos disponíveis de maneiras intencionais e programáticas. Em estudos de política linguística, tomamos isso tão completamente como certo que é difícil ver o quão dramático é esse fato. Estados, comunidades, famílias, instituições podem encorajar, impor, reter, facilitar ou impedir a aquisição de competências linguísticas. E essas entidades frequentemente se envolvem em lutas ferozes dentro e entre si sobre a linguagem. Nesse sentido, a aquisição da linguagem é tudo menos espontânea e natural. À medida que a mobilidade humana aumenta, o controle do acesso a competências linguísticas específicas sustenta relações de hierarquia e exploração de muitos tipos. Em circuitos de trabalho internacionais, sua capacidade de competir por empregos e subir nos mercados

de trabalho depende criticamente de quais línguas você conhece ou não conhece e quão bem você as conhece ou não. Sua mobilidade socioeconômica é determinada pelo seu acesso, ou grau de acesso, ao aprendizado de línguas — a esses quatro elementos necessários: tempo, esforço, motivação e contribuição. Em todo o planeta, a guarda linguística — exigindo habilidades linguísticas sem fornecer às pessoas os meios para adquiri-las — mantém as pessoas “em seus devidos lugares”, estabelecendo subclasses permanentes e renováveis. Compreender a disseminação do inglês global, por exemplo, requer perguntar quem está e quem não está tendo acesso à aquisição do inglês (quais 300 milhões de chineses, por exemplo?). A distribuição de competências linguísticas é fortemente baseada em gênero. *Casa de Areia e Névoa* encena o paradigma: o monolinguismo mantém as mulheres no contrato sexual e fora do mercado de trabalho, uma distribuição frequentemente codificada positivamente: mulheres como guardiãs da tradição. Este paradigma é um assunto de intenso debate entre muitos grupos indígenas hoje. Eu nunca esquecerei a fúria de uma mulher zapatista que ouvi fazer um discurso, em tzotzil, sobre sua falta de acesso à educação e, portanto, ao espanhol. “Quando somos pequenas, eles nos dizem que somos muito jovens para ir à escola, quando somos mais velhas, eles nos dizem que é tarde demais para nos preocuparmos com a educação já que estamos prestes a nos casar.”<sup>9</sup> Seus comentários tiveram que ser traduzidos por um membro masculino de sua delegação, e isso a enfureceu. Mas ela insistiu em fazer a declaração. Estudando uma comunidade de língua mazahua no centro do México, a linguista Dora Pellicer descobriu que as mulheres, vistas como guardiãs da língua, estavam deliberadamente matando-a, recusando-se a passá-la para seus filhos, sob a justificativa de que isso não os ajudaria a progredir. Muitos americanos tiveram pais, avós ou bisavós (especialmente os nativos americanos) que tomaram decisões semelhantes. Hoje, muitas comunidades indígenas estão envolvidas em debates excruciantes sobre investir na preservação da língua ou deixar suas línguas irem embora.

Se a aprendizagem de línguas requer uma abundância de tempo, esforço, motivação, contribuição e uso, a perda da língua resulta quando alguns ou todos esses elementos deixam de estar disponíveis entre as gerações mais velhas e mais novas entre as quais a língua deve passar. Isso pode acontecer apenas no contexto de uma reviravolta dramática na vida material. Ao mesmo tempo, como os exemplos acima sugerem, a mobilidade das línguas as torna ingovernáveis. Elas podem ser apropriadas, transmitidas, baixadas, escolhidas sem permissão. Ninguém é dono de línguas; elas não podem, pelo menos até agora, ser patenteadas. Em formato eletrônico, elas podem viajar para qualquer lugar a qualquer hora. TV via satélite, e-mail, telefone pela internet transformaram a face linguística da migração e alteraram a relação da migração com o lar. As línguas indígenas adquirem novos papéis em novos lugares, às vezes precisamente porque sua distribuição é limitada. Quando o cartel de Yucatán controlou o tráfico de drogas na Califórnia Central, me disseram, o maia iucateque se tornou sua língua franca. Por um lado, a língua era

9 Delegação Zapatista a Guadalajara, México, como parte da *Consulta Ciudadana*, março de 1999. (N. da A.)

inacessível à polícia e, por outro, estabelecia relações de confiança e obrigação rastreáveis até a fonte. Na década de 1990, o autor do único livro didático de náuatle publicado nos Estados Unidos começou a receber uma série de ordens de penitenciárias da Califórnia. Prisioneiros mexicanos e chicanos começaram a estudar e usar o náuatle como um marcador de identidade e código secreto. Falantes nativos de náuatle estavam ensinando a língua a outros presos mexicanos. A cauda morde o cachorro: o preconceito que estigmatizou e suprimiu as línguas indígenas do hemisfério por meio milênio possibilitou esse renascimento estranho e triste.

Para resumir, então, estou fazendo dois pontos sobre linguagem e migração. Primeiro, a migração acelerada está produzindo uma **redistribuição de competências linguísticas** em uma escala sem precedentes, resultando no que você pode chamar de novas paisagens linguísticas, seguindo Appadurai (1996), em muitas partes do globo. Segundo, tal redistribuição é possível porque a **distributividade** é uma característica inerente à linguagem humana. Essa distributividade de competências linguísticas tem restrições fortemente definidas, e estas determinam muitas das dimensões linguísticas da globalização.

### *CENÁRIOS MUNDIAIS E O VIÉS EM COM RELAÇÃO À COMPREENSÃO*

Deixe-me passar agora para um segundo fenômeno universalmente identificado com o que é chamado de globalização: a proliferação de instituições em escala planetária e cenários “mundiais”, do Banco Mundial ao Fórum Social Mundial, ao Conselho Mundial dos Povos Indígenas, Cúpulas Mundiais sobre água, aquecimento global, racismo e outras questões transnacionais. Cenários “mundiais” envolvem a co-presença de dezenas de sistemas linguísticos e são trazidos à existência por extensas operações e arranjos translinguais. Essas operações linguísticas são tão tidas como certas que os relatos desses cenários raramente as mencionam. Em fevereiro de 2005, por exemplo, a ONU convocou uma reunião internacional de pastores de animais (pastorais) de vinte e três países em um local remoto no deserto etíope, a treze horas de carro de Addis Ababa. Reportando sobre a reunião, o *The New York Times* citou participantes comentando sobre como eles identificaram preocupações compartilhadas. Mas não disse quase nada sobre como esses pastores rurais, falantes de algumas das línguas mais remotas do mundo, se comunicavam entre si, nem das operações translinguísticas que tiveram que acontecer em locais por todo o mundo para organizar o encontro em primeiro lugar. Quais cadeias de interpretação tornaram possível que os tibetanos se comunicassem com os Aimarás?

Cenários “mundiais” dependem de dois mecanismos translinguísticos familiares: interpretação e língua franca. Ambos dependem de um aspecto fundamental da linguagem que a maioria das teorias linguísticas obscurece, e que é novamente tão óbvio que não conseguimos ver: o enorme viés da linguagem em direção à compreensão. Refiro-me ao fato de que a capacidade dos humanos de entender enunciados em sua(s) língua(s) é infinitamente maior em alcance do que sua capacidade de produzir enunciados. É por isso que todos podem entender falantes que não falam sua língua da mesma forma que

eles, ou que a falam parcial e imperfeitamente. É isso que acontece quando alguém percebe outra pessoa como “tendo um sotaque”. Essa extraordinária elasticidade de compreensão torna os intérpretes capazes de interpretar, e línguas francas capazes de ser “franca”. De fato, a compreensão é até involuntária de uma forma que a fala não é. Uma pessoa pode escolher ou recusar-se a falar, mas a capacidade de reter a compreensão é extremamente limitada. As pessoas podem entender completamente línguas que não falam de forma alguma.

A linguística moderna teoriza implicitamente a linguagem do ponto de vista da produção, e heurísticamente assumiu que a compreensão era sua imagem espelhada, como no famoso desenho simétrico de Saussure.



Qual diagrama expressaria a assimetria entre produção e compreensão?

O viés da linguagem em direção à compreensão torna possível que a linguagem marque todos os tipos de diferenças, enquanto mantém a compreensão transversal da diferença. Homens e mulheres podem falar de forma muito diferente, mas entender as declarações uns dos outros; pessoas que ocupam posições diferentes em hierarquias provavelmente marcarão suas diferenças linguísticas, mas ainda devem compreender umas às outras para promulgar ou desafiar a hierarquia. Dentro das línguas, o viés da compreensão permite que novos grupos marquem uma língua como sua sem colocar em risco a inteligibilidade com seus Outros. O viés em direção à compreensão significa que a linguagem pode ser permeada com marcas de diferença e incompetência, e ainda assim promulgar comunicação.

Na medida em que redes globais existem, elas dependem deste fato. Não é preciso uma cúpula da ONU para demonstrar este ponto. Não muito tempo atrás, eu estava em um cruzamento no centro de Nova York ao lado de um dos mercados de esquina onipresentes que são uma marca registrada da cidade. Uma voz de mulher, com o sotaque coreano de gerente da loja, gritou ‘Água!’ e um dos funcionários mexicanos da loja saltou para a rua em busca de um homem que tinha acabado de roubar uma garrafa de água. Eu estava parada na esquina com dois entregadores, um jamaicano e um guatemalteco. O jamaicano agarrou o mexicano pelo braço e disse gentilmente: ‘Não, cara, não seja idiota. Deixe-o ir. Você pode ser morto.’ Seguiu-se um diálogo que foi mais ou menos assim (com gestos, sotaques, o performático desbotado pela escrita):

Mexicano: Mas ele roubou água. É meu trabalho.

Jamaicano: Não, cara, é seu trabalho persegui-lo dentro da loja, mas na rua, deixe-o ir. Não arrisque sua vida por cinquenta centavos.



Mexicano: Se eu não o impedir, o próximo cara fará a mesma coisa.

Jamaicano: Isso não é problema seu, cara. Você ‘tá falando de cinquenta centavos. E nem seus cinquenta centavos.

Mexicano: Não é o dinheiro. É o ato.

Jamaicano: Ninguém mais se importa com você, cara. Você não entende o sistema.

Mexicano: Não, VOCÊ não entende o sistema.

O guatemalteco aparentemente não falava inglês o suficiente para entrar no debate, mas ele pareceu entender bem o suficiente e ouviu intensamente. Fascinada, fiquei ali pensando: ‘O futuro desta cidade está sendo criado por meio de trocas como essas.’ A cada minuto de cada dia, em espaços públicos, privados e institucionais, os moradores das cidades globais do mundo estão no trabalho, explorando e explicando diferenças, criando conflitos e resolvendo-os, negociando ética, estética, espaço, maneiras, significados e as suposições de responsabilidade mútua que fazem a vida coletiva funcionar ou falhar. Desigualdades radicais de todos os tipos são características constitutivas desta vida coletiva, como os processos globais que a produzem.

Na troca que testemunhei, a compreensão está acontecendo em múltiplos modos. Semanticamente, os falantes exploraram suas diferenças por meio de um objeto imaginário compartilhado, o sistema, sobre o qual eles concordaram que tinham diferentes entendimentos. Cada um reconheceu a versão do outro e a importância de conhecer o sistema. Você poderia dizer que os participantes, incluindo eu, criaram uma comunidade momentânea e improvisada em torno de uma busca compartilhada pela verdade, e isso teve sucesso sem a necessidade de chegar a um consenso. A troca foi imperfeita — o guatemalteco, por exemplo, não pôde participar totalmente; a gerente da loja coreana, presa atrás do balcão, não participou do diálogo, e nem o ladrão de água. O indicador de seu sucesso foi aquele que se aplica o tempo todo na vida social: a violência foi evitada.

A performatividade aqui era pelo menos tão importante quanto o significado, e os dois trabalhavam em direções opostas. No nível do significado, o jamaicano defendia o interesse próprio e a autopreservação. No entanto, no nível da prática incorporada, ele estava realizando um ato de altruísmo e solidariedade, um fato ressaltado pela gentileza de suas palavras. Por sua compreensão do sistema, a segurança do Mexicano não era seu problema, mas ao intervir ele se esforçou para torná-la seu problema. No nível do argumento, o Mexicano discordava do jamaicano, mas no nível da prática incorporada, ele de fato seguiu o conselho que pretendia rejeitar — ele parou. (A performance do ladrão de água também entrou na equação. Desafiando seu ato de roubo, ele caminhou pela rua, com uma mulher em seu braço).

### *EXTROVERSÃO E POÉTICA TRANSLINGÜÍSTICA*

Deixe-me abordar um terceiro fenômeno associado à globalização, desta vez da esfera da expressão cultural. É o que chamo de poética translíngue. O romance que men-

cionei anteriormente, Casa de Areia e Névoa (Dubus, 2000) fornece um exemplo. O romance tem vários narradores, um dos quais é um imigrante iraniano que fala e pensa a maior parte do tempo em farsi. O romance é escrito em inglês. Dubus trabalhou por dois anos com um professor de farsi para inventar um simulacro fictício de inglês da fala e do pensamento nativos de seu personagem. Aqui está um trecho:

Nadi is near the sink preparing the samovar for later and she calls out in Farsi for Esmail to take off his shoes, and then come into the kitchen for washing. She regards me, her hands upon the samovar lid, and she motions with her head for me to commence explaining. Esmail removes his shoes, asks me if the automobile in the driveway does not belong to that woman, Bawbaw-jahn. Again I am faced with the moment of not knowing how much of our situation to share with m son. But then I tell to myself it is his situation as well (Dubus, 2000, p. 251).<sup>10</sup>

O leitor capta esse enxerto translinguístico sem dificuldade. Nós entendemos as frases, também compreendemos sem esforço que o autor pretende que reconheçamos que o personagem que pensa e narra aqui não é um falante nativo de inglês. Como isso é possível?

A criação de Dubus é uma instância do que chamo de **poética translíngue**, cuja proliferação, hoje, considero ser outra dimensão linguística da globalização. Uso esse termo para me referir especificamente a textos ou performances que estão operando ao mesmo tempo em mais de um sistema linguístico. Na recepção, o efeito é o discutido anteriormente: Dubus, você pode dizer, está escrevendo com sotaque. Para leitores bilíngues, essa escrita geralmente produz a experiência de ler uma língua e ouvir outra, uma experiência familiar aos leitores da literatura latina dos EUA.

Em um novo e fascinante livro sobre a história do espanhol nas Filipinas, Vicente Rafael oferece uma abordagem para essas operações. Ele fala de textos nos quais um sistema linguístico é usado para “hospedar” outro – o inglês seria considerado como hospedeiro do farsi no romance de Dubus (Rafael, 2005). No título bilíngue do romance de 2004 de H.G. Carrillo, *Loosing My Spanish*, o inglês hospeda elementos da fonologia espanhola – o e obrigatório antes do s no início de uma palavra; a ausência do som z, erradicando a distinção entre “loosing” e “losing” e, portanto, produzindo um trocadilho em inglês. Mas o trocadilho só está lá se você reconhecer a copresença dos elementos fonológicos do espanhol e do inglês. As duas línguas não podem ser desembaraçadas aqui.

Práticas artísticas nas quais a hospedagem ou enxerto linguístico se torna um valor estético distintivo não são um fenômeno novo, mas sua proliferação na última década é, acredito eu, nova. No cinema e na televisão, tornou-se comum que as obras usem vários idiomas acompanhados de legendas, ou não (exemplos incluem “Munich” (2005) de Stephen Spielberg, “Syriana - A Indústria do Petróleo” (2005) de George Clooney, “Babel” (2006) de Alejandro González Iñárritu e “Um filme falado” (2003) de Manoel

10 Nadi está perto da pia preparando o samovar para mais tarde e ela chama em farsi para Esmail tirar os sapatos e depois ir para a cozinha para se lavar. Ela me olha, com as mãos na tampa do samovar e faz um gesto com a cabeça para que eu comece a explicar. Esmail tira os sapatos, me pergunta se o automóvel na entrada da garagem não pertence àquela mulher, Bawbaw-jahn. Novamente eu me deparo com o momento de não saber o quanto da nossa situação deveria compartilhar com meu filho. Mas então eu digo a mim mesmo que é a situação dele também (p. 251). (N. da T.).

de Oliveira). Nos Estados Unidos, o rádio bilíngue finalmente explodiu por volta do ano 2000, celebrando ativamente o virtuosismo da troca de código em uma variedade de idiomas. Um segundo desenvolvimento bem conhecido é o hip hop, uma forma poético-musical que, apesar de uma fórmula rítmica baseada na prosódia inglesa e no vernáculo inglês afro-americano, tem se espalhado para idiomas em todo o mundo. Em idiomas diferentes do inglês, os cantores de hip hop reorganizam a prosódia e as estruturas de ênfase de seus idiomas para hospedar a forma importada, e essa transgressão rítmica em si frequentemente carrega a mensagem de classe rebelde e geracional que impulsiona o gênero hip hop. Frequentemente, o hip hop valoriza o multilinguismo, como nas formas bolivianas que combinam espanhol, aimará e português.

Essa ideia de uma língua hospedando outra aponta para uma terceira característica da linguagem humana que impulsiona o cenário global da linguagem: sua **extroversão**. A linguagem tem uma disposição externa para apreender elementos de outros sistemas com os quais entra em contato; as línguas são ativamente abertas, até mesmo atraídas pela alteridade. Essa abertura ativa dos sistemas linguísticos torna a linguagem incontida e transgressiva (essa não é a maneira como os linguistas são treinados para pensar sobre isso). Isso significa, por exemplo, que as políticas linguísticas e os mecanismos de policiamento nunca podem controlar o que as pessoas realmente fazem linguisticamente. Como o náuatle nas prisões, a linguagem sempre é capaz de dançar, pular ou penetrar barreiras definidas para circunscrever suas funções. Esse fato é um tremendo desafio à teoria. Na verdade, tirar essas questões da mesa teórica foi o principal propósito para construir a teoria 1x moderna em torno da dicotomia *langue/parole*, competência/desempenho.

Onde há limites, a linguagem os cruzará. Essa dinâmica extrovertida é o motor criativo das práticas poéticas translíngues às quais tenho feito alusão, e de todos os tipos de virtuosismos contemporâneos, como rádio bilíngue e estilos de e-mail e mensagens de texto multilíngues. Ela também desempenha um papel na geopolítica. Não muito tempo atrás, alguém me encaminhou um e-mail de um ex-oficial do serviço estrangeiro comentando sobre um tratado recente sobre energia nuclear entre a Coreia do Norte e os EUA. Os dois países, ele disse, concordaram com coisas substancialmente diferentes – o que os termos do tratado significavam geopoliticamente eram diferentes nas versões coreana e inglesa. E essas diferenças, ele ressaltou, foram o que tornou possível para ambos os lados assinar o acordo. Aqui, observe, não estamos lidando com originais e traduções, mas com um documento produzido simultaneamente em vários idiomas, sem nenhum original cuja autoridade possa ser invocada para decidir diferenças. Lubrificado pela linguagem, o espaço entre as duas versões é o espaço da geopolítica.

### *NORMATIVIDADE E TEORIA*

A linguística moderna foi fundada em um compromisso com abordagens descritivas em oposição a prescritivas para a linguagem, ou seja, estudar como as pessoas falam em vez de dizer a elas como elas devem falar. Compreender a agência da linguagem em pro-

cessos globais, no entanto, requer normatividade, bases sobre as quais fomentar alguns cenários em detrimento de outros. A linguística pode ser normativa sem ser prescritiva? Que tipo de relato a teoria linguística deve dar sobre os poderes da linguagem de infligir violência, causar sofrimento, enganar e abusar? A teoria é poderosa. Ela deve ter como objetivo construir uma gramática que explique essas capacidades nos mesmos termos pelos quais ela explique tudo o mais que a linguagem faz? (Nesse caso, por exemplo, mentir e dizer a verdade são equivalentes estruturais no sistema). Ou os poderes de violência da linguagem devem ser teorizados como violações e perversões da linguagem, caso em que a teoria reproduz normas internas à própria linguagem? Como argumentei alguns anos atrás (Pratt, 1987), os linguistas têm, em maior parte, evitado essa questão construindo teorias que são explicitamente não normativas e implicitamente normativas, que naturalizam normas sobre falantes, comunidades de fala, trocas como cooperativas, e assim por diante. De fato, como argumentei em outro lugar, a teoria linguística e a ideologia do livre mercado compartilham duas suposições não reconhecidas: (a) um conceito de troca que lê falsamente equivalência como igualdade, e (b) um conceito de autorregulação que lê falsamente equivalência como equidade. Como espero elaborar em nossas conversas em Oaxaca, abordagens à linguagem por meio do pensamento ecológico e do conceito de patrimônio imaterial sustentam a possibilidade de abordagens normativas à linguagem que não são articuladas por meio de uma ética externamente orientada, mas que são baseadas nas faculdades específicas da própria linguagem.

## REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. **Modernity at Large**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- CARRILLO, H.G. **Loosing My Spanish**. New York: Pantheon 2004.
- DUBUS, A. **The House of Sand and Fog**. New York: Vintage 2000.
- HORNBLOWER, M. “**Putting Tongues in Check**”, SIRS Researcher. Winter 1997, 4-5.
- “**THE HOUSE OF SAND AND FOG**”, film directed by Vadim Perelman, based on the novel by Andre Dubus III, 2003.
- HOSSEINI, K. **The Kite Runner**. New York and London: Penguin, 2003.
- LAIPSON, E. **National Briefing on Language and National Security**, sponsored by the National Foreign Language Center and the National Security Education Program, 01/16/02, [www.nflc.org/security/transcript](http://www.nflc.org/security/transcript) .
- PRATT, M. L. “Linguistic Utopias”, In: Derek Attridge et al, eds., **The Linguistics of Writing**. Manchester: Manchester UP, 1987, 48-66.
- RAFAEL, V. **The Promise of the Foreign: Nationalism and the Technics of Translation in the Philippines**. Durham: Duke University Press, 2005.
- SCHEMO, D. “**Washington cites shortage of Linguists...**”, New York Times 4.16.00, A1.
- TAFOLLA, C. “**La Malinche**” Canto al pueblo. San Antonio: Penca Books, 1978.
- TSING, A. **Friction: Toward an Anthropology of Global Connection**. Princeton: Princeton UP, 2005.